

NA RUA: A ATUAÇÃO DO 34º BPM DE BELO HORIZONTE NA PATRULHA “CRACK, É POSSÍVEL VENCER” À LUZ DA PSICANÁLISE

CINTIA COELHO GALVÃO

Tenente da PMMG do Quadro de Oficiais de Saúde. Graduada em Psicologia. Especialista em Distúrbios Alimentares e Obesidade. cintiacgalvao@gmail.com

Resumo: Este artigo, que tem como objetivo precípua focalizar, de maneira descritiva, a vertente do Programa “Crack, É Possível Vencer” conduzida por militares do 34º BPM de Belo Horizonte, aborda os problemas sociais e psicológicos decorrentes do uso do crack. Embora sem dar voz aos sujeitos de referência, a discussão, utilizando metodologia descritiva, à luz do referencial teórico adotado, permite traçar um retrato desses sujeitos que se drogam e o lugar que a droga ocupa na economia psíquica de cada um. Ao chamar a atenção para o fato de que o desamparo fundamental e a incompletude deixará sua marca e que a toxicomania torna-se uma saída equivocada para lidar com a condição de falta inerente aos sujeitos, ressalta-se a importância do trabalho da Polícia, a um só tempo preventivo e repressivo. Essa vertente de atuação busca a promoção social e orienta-se por princípios éticos, respeitando os direitos humanos e sociais dos sujeitos, considerando-os na sua integralidade. Mesmo não sendo única, trata-se de uma atuação inovadora, na sua interlocução com outras instituições, alcançando o ciclo completo na abordagem do usuário de drogas. Assim, essa estratégia de atuação contribui com o cuidado e permite que o sujeito alcance outras alternativas na sua difícil e desafiante busca pela felicidade, ao abrir a possibilidade da entrada da lei, pela via do amor, na figura de autoridade representada pela polícia.

Palavras chave: Crack. Gozo. Mal-estar. Desamparo fundamental. Incompletude. Polícia. Lei.

1. INTRODUÇÃO

O uso do crack no Brasil tem sido noticiado desde a segunda metade dos anos 1980 (GALERA, 2013) com intensidade crescente e preocupante. O crack é uma substância derivada da cocaína que, quando fumada, provoca efeitos de euforia intensa, excitação, insônia e sensação de poder, causando desorientação, instabilidade emocional, mania de perseguição e fissura (COSTA, 2016). Com poder estimulante maior do que a cocaína, o crack torna seus usuários mais vulneráveis a situações de risco, como envolvimento com atos infracionais e violência, além do comprometimento das relações familiares e sociais.

Foi considerando todos esses problemas sociais que o uso do crack acarreta para a sociedade, tais como violência, depredação do patrimônio público, desvalorização das regiões onde os usuários transitam e sensação de insegurança, que o governo federal, por meio do Decreto 7.179/2010, da Presidência da República, instituiu um Plano Integrado de Enfrentamento ao Crack e Outras Drogas, para integração e articulação permanente entre as políticas e ações de saúde, assistência social, segurança pública, educação, esporte, cultura, direitos humanos, juventude, entre outras, em consonância com os pressupostos, diretrizes e objetivos da Política Nacional sobre Drogas.

O Plano tem como alguns de seus objetivos específicos garantir condições de segurança para os usuários de crack, profissionais das redes envolvidas e demais integrantes da comunidade local; fomentar a integração entre as redes de saúde, assistência social, educação e demais órgãos para atuação nas cenas de uso de crack; auxiliar no encaminhamento dos usuários, facilitando o acesso aos equipamentos disponibilizados na rede de atenção e cuidado; acionar os órgãos públicos e as entidades do terceiro setor no intuito de solucionar problemas identificados, especialmente

aqueles relativos à desordem física e moral; identificar e mobilizar as lideranças comunitárias da região, visando à resolução conjunta dos problemas locais em forma de parceria ativa com a comunidade; adotar medidas protetivas a pessoas em situação de vulnerabilidade social; realizar visitas comunitárias às residências e aos estabelecimentos públicos e privados; promover e participar de reuniões comunitárias, dentre outros.

O Plano foi organizado em três eixos temáticos: prevenção (fortalecimento da rede de proteção contra o uso de drogas), cuidado (ampliação da capacidade de atendimento e atenção ao usuário e familiares) e autoridade (enfrentamento ao tráfico de drogas e policiamento ostensivo de proximidade). Como a polícia está inserida no eixo autoridade, compete a ela realizar o policiamento ostensivo e de proximidade nas áreas identificadas como cenas de uso de crack, as cracolândias, além de desenvolver ações qualificadas de enfrentamento ao tráfico do crack em áreas de maior vulnerabilidade ao consumo.

O Plano também prevê o desenvolvimento de ações de prevenção, disseminação de boas práticas, tratamento e reinserção social para usuários e dependentes do crack (BRASIL, 2014). Alinhada com esses objetivos, a Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) vem desenvolvendo, desde dezembro de 2015, no 34º Batalhão de Polícia Militar (BPM), o “Programa Crack, É Possível Vencer”, instituído em 2011 pelo governo federal, em articulação com estados, municípios e sociedade civil. Em linhas gerais, esse Programa visa aumentar a oferta de tratamento de saúde aos usuários de drogas, enfrentar o tráfico e as organizações criminosas e ampliar ações de prevenção ao uso de drogas.

Este artigo tem como objetivo focalizar, de maneira descritiva, a vertente do Programa “Crack, É Possível Vencer” conduzida por três militares que compõem uma guarnição do 34º BPM em Belo

Horizonte, vista sob a perspectiva desta autora, atuando como psicóloga da equipe.

Para tanto, inicialmente são apresentadas as fundamentações teóricas que nortearam as especificidades do Programa no 34º BPM de Belo Horizonte, assim como uma breve reflexão sobre o que o usuário geralmente busca ao consumir a droga e qual é, de fato, o efeito que ela produz.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um dos fundamentos da abordagem adotada pelo 34º BPM consiste em considerar os usuários do crack na sua integralidade, ou seja, como atores moldados segundo o contexto histórico, socioeconômico e cultural em que convivem ou foram socializados.

Na perspectiva da psicanálise, todo sujeito é dotado de subjetividade e, sob o ponto de vista da sua formação psicossocial, vem ao mundo em condição de extrema prematuridade. O bebê quando nasce, é um sujeito que está por vir, não se encontra pronto, vai constituir-se e inserir-se no ordenamento humano. A constituição do sujeito dá-se justamente a partir do encontro com o Outro¹, que o deseja e exerce cuidados investindo libidinalmente e narcisicamente nesse ser tão dependente, confirmando assim sua inexorável condição humana: o desamparo fundamental.

Como a criança, num primeiro momento, é o único objeto de desejo desse Outro materno, ela vive uma ilusão de plenitude, uma vez que

¹ “Outro”, com letra maiúscula, para a psicanálise, representa a sede da linguagem, as referências simbólicas que os sujeitos captam. O Outro é mítico e da ordem do significante, revela o ponto de origem do sujeito – sua espécie, sua linguagem, sua cultura, sua família – inserindo-o numa linha de ascendência e de descendência que lhe permite significar sua história geracional e sua ficção, numa novela familiar.

se submete às leis onipotentes do Outro, pois é esse Outro quem atende e organiza as funções vitais mais elementares e cotidianas. A criança não só aprende que o outro atende às suas necessidades de fome, higienização, como também lhe é oferecido o calor humano, o afeto, a voz, o olhar. Ela descobre que junto com o alimento e o cuidado, recebe todas essas coisas e percebe que o grito traz esse Outro para si. É o início da entrada na linguagem.

Depois vem a noção do corpo separado do corpo da mãe. À medida que a criança deixa de ter um corpo tão fragmentado, à mercê do Outro, e passa a ter um corpo mais unificado, ela se estrutura. Ao estruturar-se, começa a construção da subjetividade. A criança, por ser desejada, aprende a desejar. Desejante, agora é sujeito. Saiu da posição de objeto de satisfação da mãe pela presença do pai ou de algum outro interesse da mãe. De acordo com Curi (2015, p. 122), “nada é tão difícil para o homem quanto renunciar a um prazer já experimentado. Não renunciamos a nada, diz Freud, não fazemos mais do que substituir uma coisa que nos satisfaz por outra que imaginamos satisfazer ainda mais”.

Qualquer renúncia gera mal-estar, uma vez que o objeto que colocaremos no lugar do renunciado jamais será suficiente, apontando então para a dimensão humana mais determinante e avassaladora: somos seres de falta, incompletos, insatisfeitos e teremos que lidar com o resto. Essa renúncia apresenta duas faces aparentemente contraditórias: apesar de dolorosa, geradora de mal-estar, é também estruturante e necessária, pois marca a entrada do sujeito na cultura. Aquele prazer que um dia foi supostamente experimentado e responsável por essa ilusão de completude e plenitude, ao dar lugar à inevitável renúncia, deixará uma marca para sempre no sujeito e será determinante na tentativa do homem em busca da sua felicidade.

Freud (1996), no *Mal-Estar na Civilização*, aponta para as dificuldades

que o homem civilizado tem na busca da felicidade. Justamente por ser civilizado e já tendo renunciado ao desejo próprio de voltar e se fazer um objeto único com a mãe, e não podendo dar vazão ao seu desejo mais antigo, o homem depara-se com a frustração de jamais produzir um prazer tão intenso quanto o anterior, mais primitivo. Tal restrição é fonte de sofrimento, pois o acesso ao prazer é, agora, o acesso ao prazer do objeto substituído, diferente do original, fruto das modificações dos desejos mais antigos, e consequência do processo do recalque.

Freud ainda discute as três principais fontes de sofrimento enfrentadas pelo homem. A primeira delas advém do próprio corpo, fonte de adoecimento, envelhecimento e limitações, acenando para a morte. Na experiência da doença e da velhice existe a dor de ser privado dos prazeres anteriores que foram vividos na saúde e na juventude, que um dia tanto os honraram.

A segunda fonte de sofrimento é proveniente do mundo externo, que a qualquer momento e com forças de destruição esmagadoras e impiedosas, volta-se contra o homem. Exemplos disso seriam os eventos de causas naturais tais como terremotos, *tsunamis*, tempestades e desastres naturais, e aqueles com a participação do homem, como os acidentes, catástrofes, atentados terroristas.

A terceira, também mais penosa, e maior fonte de sofrimento provém das nossas relações com os outros homens, nos laços sociais, e tudo se complica ainda mais quando dependemos desse amor, uma vez que o outro pode nos abandonar, rejeitar, morrer, desaparecer. Diante disso, o homem é obrigado a recolher a sua libido, ora investida no outro, deparando-se com uma experiência bastante dolorosa. Os laços sociais não oferecem a harmonia e a proteção que por ora foram idealizadas, não há complementaridade entre os pares, não há encontro que nos complete e ampare plenamente. Haverá sempre um desencontro e disparidade, uma

vez que há perda da naturalidade dos objetos.

Vimos que o homem tem uma tarefa árdua para enfrentar na sua existência. Ele nasce desamparado e enfrenta três grandes desafios para encontrar a sua felicidade. Existem, portanto, alguns caminhos e medidas paliativas para lidar com o sofrimento e angústia inerente à existência, diante da discrepância entre aquilo que verdadeiramente desejamos viver e o que a realidade oferece como meio de satisfazer o desejo. Buscam-se relacionamentos estruturados e afetivos, amizade, amor, ou o reconhecimento do outro pelo viés do trabalho e da arte, o conhecimento através da ciência e a busca de apaziguamento pela religião. Porém, o mais pobre e devastador recurso para atingir o objetivo de ser feliz seriam as substâncias tóxicas e entorpecentes, a droga. A droga é capaz de propiciar um prazer imediato, serve como amortecedor, amortece a dor. Quando o sujeito se droga, anestesia a dor existencial.

2.1 Canibais de nós mesmos

Canibais de nós mesmos
 Antes que a terra nos coma
 Cem gramas sem dramas
 Por que que a gente é assim?
 Mais uma dose? É claro!
 É claro que eu tô a fim
 A noite nunca tem fim
 Por quê que a gente é assim?
 (Barão Vermelho, 1984).

Na toxicomania, o sujeito tem a ilusão de um gozo muito intenso ou algo próximo de um gozo² absoluto, e quanto mais se goza, mais se quer gozar. O toxicômano descobre que o mal-estar é suspenso com

² A psicanálise lacaniana opõe-se à ideia do uso comum do termo gozo como sendo o mesmo que prazer. Lacan considera gozo tanto um excesso insuportável de prazer, como também uma manifestação no corpo que traz sofrimento. O gozo é da ordem da repetição, e mesmo sem ter proporcionado qualquer tipo de prazer no sujeito, ele reproduz o fenômeno “sob pressão de uma compulsão” (FREUD, 1920, p. 32).

a droga e quando o efeito dela passa, ele deseja outra dose, e assim desenvolve a aderência num primeiro momento e, posteriormente, vem a fissura. Há um imediatismo em livrar-se da dor e aderir a algo que o alivia da fissura. O enorme poder anestésico da droga, abolindo o mal-estar do corpo, acaba, paradoxalmente, intensificando ainda mais o mal-estar e a consequência disso é o aumento da necessidade da droga, como indica muito bem a música do Barão Vermelho, que deseja sempre mais uma dose, como se “mais gramas”, diminuíssem o “drama”. O uso desregrado da droga é uma forma de lidar com o mal-estar, e longe de aplacar a angústia, essa é cada vez mais presentificada pela falta da droga, fazendo-se necessária uma quantidade cada vez maior.

Quando o homem achou que se livraria desse mal-estar, grande engodo, vem o “drama”, e ele questiona por que a gente é assim. Seria uma tentativa de ter acesso a objetos que satisfaçam aquilo que não é passível de satisfação? Preencher aquilo que não é preenchível? A falta constitutiva do humano. O desamparo fundamental deixou a sua marca.

Na ilusão de escamotear essa falta, não deixar aparecer, vem a compulsão ao consumo da droga. O sujeito vai (con)sumindo a droga e sumindo a sua condição de sujeito, pois a relação estabelecida com a droga faz suspender o laço da entrada na cultura que implica necessariamente a castração, e o toxicômano nada quer saber da castração e do desejo, tornando-se canibal de si mesmo, matando a sua condição de sujeito.

A droga suspende a angústia e a divisão do sujeito, imaginariamente oferece o gozo de se fazer UM com a mãe, busca retornar ao que foi perdido desde sempre e atualiza essa busca incessante. A experiência do desamparo do sujeito é recusada, tanto pela via da sedação como pela via da superestimulação psíquica.

Aquele sujeito do inconsciente, atormentado pela morte, pelo

sexo e pela interdição foi substituído pelo indivíduo intoxicado que rechaça o inconsciente e evita o conflito. Não há uma renúncia pulsional, a pulsão é instigada, não encontra barreiras para a sua descarga, e, dessa forma, há uma sustentação da pulsão de morte.

Essa situação vai na contramão da cultura, pois anula-se o sujeito do desejo, não promovendo a renúncia pulsional e o laço social, tão fundamentais para a civilização. Civilizar implica criar, instituir e obedecer às leis que regem as relações entre os homens, caso contrário deparariam-se com a tentação de usar o outro como objeto sem o seu consentimento, conforme as exigências pulsionais. O outro não pode ser oprimido, submeter-se à lei do mais forte sobre o mais fraco, ser usado ao bel-prazer das pulsões. Por isso existem as regras criadas pela civilização, delimitando o tratamento a ser dispensado entre os homens. “Uma satisfação irrestrita de todas as pulsões quer ser admitida como a regra de vida mais tentadora, porém, ela significa antepor o gozo à precaução, o qual após breve exercício recebe seu castigo” (FREUD, 2004³, citado por BASTOS, 2012, p. 48).

2.2 Polícia: Agente da Lei

A lei é o que funda uma cultura e possibilita sua continuidade. É uma proibição, interdição ou regulação de um ato ou ação. Para a psicanálise, a lei faz a regulação do gozo. É o ponto a partir do qual estrutura-se o sujeito, reconhecendo, fazendo dele um ser desejante.

É fundamental que a colocação e a aceitação da lei seja um ato de amor, uma vez que a lei diz respeito a um desejo. Existem duas faces da lei: uma face pacificante, que acalma e protege, e uma outra face cruel e obscena, que pune por punir, como na Lei de Talião, “olho por olho, dente por dente” (FÉRES, 1998).

³ FREUD, S. 32ª Conferência. Angústia e Vida Pulsional (1933 [1932]), XXII.

O agente da lei é o pai, que pode ser representado pela figura de autoridade, alguém que exerça uma função, que está no lugar do pai. Freud, em 1913, criou o mito do Pai Primevo no livro *Totem e Tabu* como um interessante recurso para explicar a criação da lei e demonstrar a importância da castração para o relacionamento entre os homens (FREUD, 1996). Trata-se de uma versão mítica das origens do laço que permite ao homem viver em sociedade.

O pai era o mais forte, por isso gozava de todas as mulheres do bando. Ele era opressor, colocando-se acima dos filhos, pelo abuso da força, numa estrutura vertical. Os filhos encontram-se abaixo do pai, indiferenciados, pois tinham submissão absoluta ao mais forte. Ele liderava e detinha o poder absoluto, oprimia, ao mesmo tempo em que também protegia todos do grupo. Era um pai odiado e também amado. Os filhos então se unem e, revoltados, resolvem matar esse pai e fazem um banquete dele morto. Como o pai também era amado pelos filhos, eles tiveram remorso pelo feito. Nesse momento, o pai morto torna-se mais forte do que ele vivo, os filhos identificam-se simbolicamente com o seu nome, com o totem, que agora o representa. Já que eles comeram parte do pai, esse pai passou a fazer parte deles, pela via da identificação. Essa travessia representa a linguagem, pois houve uma identificação simbólica trazida pelo nome do pai morto, e não mais com o pai que goza. Ao devorar o pai, os filhos identificam-se com ele e apropriam-se de uma parte de sua força. Se antes os filhos eram ameaçados pelo pai gozante, com a sua morte, agora cada um vê-se na possibilidade de ser abusado, esmagado por todos os outros. Por isso fazem um pacto, uma vez que nenhum filho quer ter o mesmo destino do pai, que é ser morto. Terão nesse momento a tarefa de organizar-se, não para permitir todo o gozo, mas ao contrário, para inventar um modo de barrá-lo.

Será necessário renunciar ao excesso de gozo, consentir com a castração, que marca a distância entre a horda primeva,

indiferenciada, e todas as outras formas de organização social. A instauração da lei é a responsável por fundar a ordem social, e isso implica necessariamente na perda do gozo, permitindo o advento do sujeito do desejo.

Nas sociedades democráticas, todos os membros estão implicados como coautores da lei, participam e estabelecem as relações de poder e legitimam simbolicamente a autoridade.

Assim como o pai, a polícia também representa uma figura de autoridade tão essencial às sociedades democráticas. Como agente da lei, ela barra o gozo, delimita as ações do outro, garantindo a manutenção da ordem e paz social. Considerando as duas faces da lei, a pacificante e a cruel, é possível pensar que a Polícia circula por esses dois lugares?

Essa perspectiva de constituição ou formação sociocultural das pessoas, integrada a uma concepção ancorada em uma análise psicológica das suas ações ou atitudes tem servido de base para a atuação da Patrulha do “Crack, É Possível Vencer” que está em curso no 34º BPM de Belo Horizonte. O desenvolvimento desse trabalho é descrito a seguir.

3. A ATUAÇÃO, NA RUA, DO 34º BPM DE BELO HORIZONTE NA PATRULHA “CRACK, É POSSÍVEL VENCER”

Nas ruas de Belo Horizonte, no asfalto, mais precisamente, na avenida Antônio Carlos, ali mesmo, está acomodada a nova cracolândia. Anestesiadas pelo crack, essas pessoas que vivem na rua, encontram-se com as pessoas que trabalham na rua: os policiais. A rua, ao mesmo tempo em que para o policial representa o palco do seu trabalho, a morada do seu ofício, para os usuários

de crack representa a sua moradia, lugar onde tudo acontece. As cenas produzidas pelos usuários de crack no seu novo lar causam impacto e afetam as pessoas que transitam na rua ou que têm o seu comércio e os entornos esvaziados pelo horror escancarado. A miséria humana é revelada de forma avassaladora, provocando angústia e aversão no outro que por ali passa. Nessa região é possível deparar-se com pessoas maltrapilhas que fazem da rua a sua nova morada, dormem, comem, fazem ali suas necessidades fisiológicas, não tomam banho, enrolam-se nos cobertores e roupas sujas. Os usuários de crack produzem uma sensação de insegurança, pois para conseguirem a droga são capazes de cometer desde pequenos delitos, como furto, até outros crimes bem mais graves, como roubo, latrocínio. A violência vai tomando formas e sendo traçada pela lei do mais forte, em busca do bem mais precioso: a droga. A sociedade deseja uma resposta e a polícia é convocada a agir.

Na prática, os militares do 34º BPM de Belo Horizonte abordam os usuários, fazem um cadastramento e um banco de dados com informações sobre as pessoas atendidas e, se possível, um encaminhamento para abrigos, Centros de Referência em Saúde Mental (Cersam) ou hospitais.

Já existem alguns resultados obtidos desde que o Programa começou no 34º BPM de Belo Horizonte. Durante as abordagens, as pessoas são entrevistadas e suas informações são colhidas e alimentam um banco de dados. Até julho de 2016, já foram cadastrados 556 usuários de drogas. Do total de pessoas abordadas, 39 já foram internadas, sendo 32 pelo Projeto “Uma Visão de Esperança”, 04 foram levadas para o Cersam AD, 03 levadas para o Cersam Noroeste. Além disso, 07 pessoas que estavam desaparecidas foram localizadas e 05 mandatos de prisão foram cumpridos. Constatou-se também que duas pessoas que utilizavam tornozeleiras eletrônicas simplesmente as haviam retirado sem autorização.

Dessa forma, a Polícia Militar de Minas Gerais desenvolve a atividade preventiva e repressiva como também engloba outros atores estatais de fundamental importância para o processo de resgate do usuário. A Instituição torna-se a interlocutora e responsável pelo ciclo completo⁴ de atuação frente aos dependentes químicos, sob ponto de vista criminal e de saúde pública. Ao unir a repressão com a prevenção, a promoção social é alcançada, objetivo principal de qualquer programa de policiamento comunitário.

Como psicóloga do 34º BPM, uma das funções desta autora é orientar a atuação do profissional de segurança pública que se dedica à atividade de policiamento comunitário, como é o caso da guarnição do “Crack, É Possível Vencer”. Ao escutar os impasses e desafios com os quais a guarnição depara-se no cotidiano dos atendimentos aos usuários, resolve-se ir a campo e realizar no local, junto com os militares, abordagem a esses usuários de drogas.

A viatura, ao aproximar-se de um grupo de usuários de crack, fez com que houvesse fuga imediata e sorrateira deles. Estariam essas pessoas buscando preservar o seu bem mais precioso, o empuxo à droga, uma vez que a polícia representaria, no seu imaginário, uma ameaça atual àquilo que lhes define: a obtenção de um gozo repetitivo, monótono e sem adiamento.

3.1 Socorro, não estou sentindo nada

Outra parte de um grupo permaneceu quieta, observando a aproximação da viatura. Aqueles que não se amedrontaram, ficaram ali, na rua, inertes, como um papel em branco esperando ser escrito, gritando silenciosamente por socorro. Era possível escutar esse grito silencioso proveniente de um corpo inscrito pela ausência do

⁴ O ciclo completo compreende as etapas que vão desde a abordagem até o encaminhamento.

desejo do Outro, tomado pelo gozo mortífero da pulsão de morte, como ouvimos na música de Arnaldo Antunes (1998):

Socorro, não estou sentindo nada
Nem medo, nem calor, nem fogo
Não vai dar mais pra chorar
Nem pra rir
Socorro, alguma alma, mesmo que penada
Me empresta suas penas
Eu já nem sinto amor, nem dor
Já não sinto nada

Não emprestamos as nossas penas, e sim o nosso olhar, a nossa escuta, a palavra. Como o trabalho dessa guarnição já era conhecido daqueles que ali ficaram, a guarnição passou a representar para essas pessoas abandonadas à própria sorte um aceno ao resgate da subjetividade, um lugar no desejo do Outro. Dirigir o olhar e a escuta para esse outro na sua singularidade representa reconhecê-lo como um sujeito de desejo, não apenas de gozo. Permitir o advento da palavra pelo eixo Autoridade, ou seja, pela Polícia, faria uma demarcação e uma ordenação reguladora desse sujeito tão desordenado e fragmentado.

3.2 Na rua

De volta ao cenário da cracolândia, o fato de alguns usuários terem fugido rapidamente quando avistaram a chegada da polícia, poderia ensejar duas hipóteses: a) por temer a perda do seu objeto mais valioso, a droga, eles buscam proteger-se do agente que representa uma ameaça, por isso fogem; b) fugiram simplesmente por medo da Polícia, de serem punidos, de sofrerem algum tipo de violência por parte desse agente que em situações pontuais vale-se de um discurso higienista e coloca-se no lugar da limpeza e purificação das

idades, acreditando que certos grupos devem ser extirpados, pois representam incômodo para todos.

Embora a polícia represente para alguns essa face cruel, ameaçadora, por outro lado ela tem a face pacificante, que acalma e protege.

Na Avenida Antônio Carlos, muitos não só se aproximaram da polícia, como também desejaram a sua presença. Estariam essas pessoas desejando a lei como um ato de amor? A presença da polícia ali, olhando, escutando, fazendo o cadastro das pessoas, encaminhando e orientando-as representaria um resgate da cidadania, uma forma de reconhecer que elas existem e precisam se fazer presentes.

A polícia acena para um corte desse gozo, tão caro ao toxicômano e que o impede de ser sujeito de desejo, contradizendo os valores da civilização. O trabalho desenvolvido pelo “Crack, é possível Vencer” é uma aposta, pois abre a possibilidade de que a novidade encontre o seu lugar. Por meio da escuta, do acolhimento, é possível delimitar o dado singular de cada história, o lugar que a droga ocupa na economia psíquica do sujeito, e como ela é usada para aliviar o sofrimento.

O acolhimento tem o sentido de produzir um desvio, abrindo espaço para que outra história seja produzida, permitindo diferentes formas de existência. Tal acolhimento é uma estratégia para facilitar a abordagem, uma tentativa de motivar a busca por mudança e reconhecimento de que aderir a um tratamento é fundamental, pois qualquer proposta de cuidados precisa ser considerada.

De acordo com Silva (2015), as chances são criadas para que o sujeito, de forma distraída, disfarçada, ou mesmo decididamente, peça ajuda, faça perguntas, aceite o laço com o Outro e se permita ser acompanhado, orientado, encaminhado. A ambivalência, flutuação motivacional e o imediatismo fazem parte da apresentação costumeira do toxicômano e nesse intervalo entre o uso de uma e

outra pedra de crack o acolhimento e o laço podem ser estabelecidos, abrindo-se a possibilidade da entrada da lei pela via do amor na figura de autoridade representada pela polícia. Os militares da guarnição do “Crack, É Possível Vencer” vêm cumprindo esse papel, acenando para o lugar do reconhecimento da Autoridade pela via do amor.

É necessário produzir bons intervalos para que o sujeito seja fisgado, sinta algum incômodo e que essa sua condição de ser tão errante e desamparado o faça buscar de fato um amparo. A droga para muitos não é apenas uma busca pelo prazer, é também uma forma de aliviar o sofrimento, e uma maneira torta de inserir-se no mundo. O sentimento oceânico de completude e totalidade com o mundo exterior, sem falta, que responde aos ideais não existe. Almejar encontrar a grande felicidade é demais. Se o homem consegue pelo menos evitar a infelicidade, sobrevivendo às desgraças e ao sofrimento já está de bom tamanho. A vida é pesada para ele porque o homem tem a morte no horizonte, teme as catástrofes, doenças, o desamparo fundamental. As drogas entram como um paliativo. A intoxicação não é um método simbólico, mas uma operação real que produz uma aderência, e uma relativa independência do laço com o outro. O recurso das drogas é uma defesa diante do intolerável traduzindo uma falta de meios para a simbolização. Apesar da nocividade, busca eliminar o mal-estar, o sujeito vai do céu ao inferno. O seu excesso acaba produzindo ainda mais abandono, exclusão, violência, sendo causa de tudo isso, e não apenas consequência. Essa busca incessante de felicidade e daquela ilusão de plenitude por via da droga - a pior das escolhas - não é possível, ela jamais será encontrada, pois a felicidade é feita de momentos.

Abstract: This article, which has as main objective to focus, descriptively, the slope of the “Crack is Possible to Overcome” conducted by soldiers of the 34th BPM Belo Horizonte, addresses the social and psychological problems caused by crack use. Although without giving voice to the reference subject, the discussion, using descriptive methodology, in the light of the theoretical framework adopted, allows us to draw a picture of those who take drugs and the place that the drug occupies in the psychic economy of each one. By drawing attention to the fact that the fundamental helplessness and incompleteness leave its mark and that the addiction becomes a wrong output to handle the fault condition inherent to the subjects, it is emphasized the importance of police work, both preventive and repressive at the same time. This action strand seeks social promotion and is guided by ethical principles, respect for human and social rights of the subjects. Although not unique, this is an innovative performance in its dialogue with other institutions, reaching the complete cycle in the user’s approach to drugs. Thus, this performance strategy contributes to the care and allows the subject to reach other alternatives in their difficult and challenging pursuit of happiness, opening the possibility of the entry of the law by way of love in the authority figure represented by the Police.

key words: Crack. Enjoyment. Discomfort. Fundamental abandonment. Emptiness. Police. Law.

REFERÊNCIA

BASTOS, Adriana Dias de Assumpção. **Psicanálise e Toxicomania: Desafios na Assistência Pública**. In: Adriana Dias de Assumpção Bastos, Ademir Pacelli Ferreira (Org.). Curitiba: Juruá, 2012.

BRASIL. Governo Federal. **Plano integrado de enfrentamento ao crack e outras drogas**. Disponível em: <<http://ww2.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

COSTA, Márcio Aparecido (Compilador). **Plano de enfrentamento ao crack e outras drogas investe R\$ 400 milhões em ações de saúde, assistência e repressão**. Disponível em: <<http://www.antidrogas.com.br/>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

COSTA, Regina Teixeira da. Mal estar na Modernidade. Alethéia. Publicação do Inconsciente. **Centro de Estudos Freudianos**. nº 3 – Setembro, 2001.

CURI, Thereza Cristina Bruzzi. **Ainda somos os mesmos**. Clínica Psicanalítica Contemporânea. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2015.

FÉRES, Nilza Rocha. Ética e lei – Uma Contribuição da Psicanálise no tratamento de Meninos e Meninas de Rua [MMR]. Alethéia. Publicação do Inconsciente. **Centro de Estudos Freudianos**. Nº 2, - Março, 1998.

FREUD, Sigmund (1913) Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Obras psicológica completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1920). Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard Brasileira. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Freud (1996). **O mal-estar na civilização e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GALERA, Sueli Aparecida Frari. O enfrentamento do uso do crack. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Vol. 21 nº 6. Ribeirão Preto: Nov./Dez. 2013.

MEDEIROS, Regina e CIRINO, Oscar (Orgs.). **Álcool e outras Drogas.** Escolhas, Impasses e Saídas Possíveis. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Rosimeire Aparecida. **Reforma Psiquiátrica e redução de danos:** um encontro intempestivo e decidido na construção política da clínica para sujeitos que se drogam. (Dissertação de Mestrado). UFMG, Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência. Belo Horizonte, 2015.